



DIÁLOGOS ENTRE O REPERTÓRIO DA CULTURA POPULAR E A ESCOLA LOCAL.

Jeanes Martins Larchert ¹

RESUMO

Na luta pelo reconhecimento e (re) apropriação do legado epistemológico e cultural, os grupos oprimidos resistem ao “sistema-mundo moderno-colonial” (QUIJANO, 2005), por meio da cultura popular “resistem ao sistema sem relação direta a ele” (DUSSEL, 1997). Entendemos que a cultura popular é a mais notável manifestação sócio cultural da ação das camadas populares, produzida pela leitura de mundo que as pessoas realizam sobre a realidade e que a escola é um local propício para as expressões e repertórios da cultura popular (FREIRE, 2006). O local desta pesquisa é a Vila Cachoeira, comunidade ribeirinha às margens do Rio Cachoeira, Ilhéus/Ba, atualmente pouco mais de 200 famílias residem na localidade. A pesquisa objetivou identificar e analisar as expressões da cultura popular local presentes nos processos educativos dos estudantes e compreender conceitos fundamentais à importância da salvaguarda do patrimônio imaterial da cultura popular. Propomos uma análise qualitativa com aproximações etnográficas o que nos exigiu inserção na comunidade e convívio com o cotidiano dos colaboradores (LARCHERT, 2017), conhecendo-os em seus etnoespaços, etnotextos. O rio Cachoeira, o etnoespaço mais significativo da comunidade é elemento cultural estruturante na vida das crianças, nele divertem-se, pulam por suas pedras a caminho da escola, constroem imaginários, enredos de vidas infantis, mas que também sustenta algumas famílias. Durante a inserção ficou evidenciado o abandono do poder público no que tange a educação das crianças, a gestão da escola não acompanha o cotidiano da unidade escolar, não são realizadas reuniões periódicas com as famílias dos alunos nem com toda equipe da escola. Constatamos que a escola não estabelece o mínimo de conexão com os elementos da cultura popular, negando por vezes a oportunidade dos (as) alunos (as) exporem nos seus etnotextos da riqueza da cultura local, mas também os desafios de viver em uma comunidade mergulhada na vulnerabilidade social.

PALAVRAS-CHAVE : Currículo; práticas culturais; educação popular.

¹ Professora doutora da Universidade Estadual de Santa Cruz, DCIE/PPGE, jeanes@uesc.br

INTRODUÇÃO

Vivemos em um país que, devido à sua própria construção social/colonização nos garante uma variação enorme de crenças, culturas e formas de expressão, o que torna cada comunidade diferenciada se comparada às outras, com características específicas. Como consequência do processo de colonização alguns aspectos culturais foram colocados à margem e por isso, apagados da cena pública e/ou subalternizados e até demonizados pelos representantes do poder.

A interlocução entre a cultura popular e o currículo escolar possibilita-nos a pressupor que todas as pessoas são envolvidas pelas culturas e são leitores do mundo independente de seu nível social e de sua escolaridade. A escola é um grande caldeirão social, no qual as diferenças se apresentam e que os conhecimentos científicos são apresentados aos estudantes, os quais já chegam à escola portando um repertório de conhecimentos oriundos da cultura popular. Nossa pesquisa foi realizada no Colégio Herval Soledade no anexo que funciona na Vila Cachoeira, no bairro rural de Ilhéus.

Esta pesquisa tem o objetivo de identificar e analisar as expressões da cultura popular local presentes nos processos educativos dos estudantes e compreender conceitos fundamentais à importância da salvaguarda do patrimônio imaterial da cultura popular presente nesta escola. A comunidade escolhida foi a Vila Cachoeira pelo fato de ser um bairro rural próximo a diversas instituições de ensino, a exemplo do campus do Instituto Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Santa Cruz e não identificamos no processo da escolha da localidade e da escola trabalhos de pesquisa que a envolvesse.

Na Vila Cachoeira existem muitos saberes, conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano de seus moradores, em sua maioria, afro-brasileiros e muitos desses conhecimentos assim como a eles foram adquiridos através do ouvir contar, do ver fazer, aparecem nas narrativas dos alunos. Ressaltamos ainda a importância destas especificidades serem levadas em consideração no que tange a prática educacional que deve, portanto, valorizar e resgatar os saberes vindos da sociedade e que os estudantes trazem consigo, fruto de sua vivência.

Nesta perspectiva a referência cultural de um grupo social é formada pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e a



identidade deste grupo. Na Vila Cachoeira existem muitos saberes, conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano de seus moradores, em sua maioria, afro-brasileiros.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir do final da década de 1980, após a Constituição Federal, documento na qual a educação como direito fundamental ganha de fato status constitucional. A partir de então, começou-se a revitalizar o papel da escola na sociedade não somente como espaço de aperfeiçoamento cognitivo, de socialização ou de formação política, mas como espaço protetivo de direitos. Nesta escola, pessoas de diferentes status social e cultural se encontram e precisam conviver estes sujeitos chegam à escola carregando consigo valores sócio culturais que lhes foram passados antes mesmo que eles tivessem condições de refletir racionalmente sobre, como afirma Bourdieu:

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes em face do capital cultural e da instituição escolar (Bourdieu, 1998, p. 42).

A cultura é um saber que todas as pessoas possuem, independente se sua classe social, grau de erudição, formação, idade. A partir do entendimento dos aspectos da aquisição do capital cultural pelas camadas populares, podemos perceber que o povo construiu sua própria visão de mundo, e ainda que tenham passado por um processo de “colonização cultural” existem aspectos fruto das aspirações populares e da visão de mundo que as pessoas mais simples, sem ou com pouca erudição, julga fundamentais e necessários à manutenção de seu contexto social.

Entendemos que a cultura tem a função de reorganizar o sujeito, isto é, inculcar nele ideias que o desprendam de seu estado instintivo e o faça reconhecer as regras e usos sociais para que seja aceito na sociedade. Esta é uma forma para que o indivíduo tenha consciência de si e identifique seu papel social. Nesse sentido, a cultura tem a função de inferir na condição humana. É a cultura que nos diferencia dos animais que agem por instinto. Os humanos trazem na cultura sua margem de comportamento, tanto dos aceitáveis ou não por parte da sociedade no qual estão inseridos. Sua leitura de mundo faz parte de sua cultura.

A cultura popular é, portanto, a mais notável manifestação da ação das camadas populares no meio sócio cultural e demonstra que as pessoas por mais simples que seja e por



mais que não tenha acessado capital cultural canônico também possui leitura de mundo e produz conhecimento sobre a realidade que o cerca.

Assim como a sociedade o ambiente escolar é também rico na variedade de sujeitos e suas origens. Por esse motivo, é o local ideal para pontuarmos um trabalho que aborde a riqueza do repertório cultural popular, sabedoria advinda do imaginário popular e espelha todas as suas expectativas, sua visão de mundo e conhecimento sobre o funcionamento e origem de tudo aquilo que é conhecido, e até desconhecido. Desta forma, acreditamos que essas especificidades precisam ser levadas em consideração no que tange a prática educacional que deve, portanto, valorizar e resgatar os saberes vindos da sociedade e que os estudantes trazem consigo, fruto de sua vivência.

Nesta perspectiva, é fundamental que a escola tenha conhecimento substancial da comunidade com a qual trabalha. Como já é sabido o cenário cultural brasileiro abriga uma diversidade imensa de características que criam culturas específicas. Isso exige dos profissionais que atuam na escola o conhecimento sobre estas realidades para que estes sujeitos não sejam minimizados em suas práticas culturais e que estas possam ser acrescidas de outras práticas sem que haja uma hierarquização entre os saberes, mas uma confluência de saberes.

Estamos conscientes que na escola dificilmente uma escola será capaz no curto espaço de tempo (jornada de quatro/cinco horas diárias) dar conta da totalidade cultural de um povo, exatamente por isso, é necessário fazer essas escolhas, estas devem ser guiadas levando em consideração os dados culturais que estes estudantes já trazem e também os conteúdos que serão trabalhados, salientamos ainda, que as escolhas devam ser muito bem sentidas e observadas.

Ademais, a escola é lugar onde a sensibilidade não deve ser suprimida. Pois, trabalhamos com seres humanos, desse modo, é primordial lembrar que estamos nos referindo a pessoas com histórias próprias, desejos e necessidades que são somente seus e este deve ser o ponto de partida do educador. Todo processo de construção do conhecimento é fortalecido quando/se a cultura é entendida como um instrumento voltado para a compreensão, reprodução e transformação do sistema social.

A prática curricular torna-se necessária para a idealização de uma sociedade que apresenta avanços crescentes na cultura política, pedagógica e social, contribuindo para



formação de uma sociedade justa, igualitária e democrática. Segundo o artigo primeiro, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, a “[...] educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, p. 1).

A partir do que já afirmamos acreditamos que a escola precisa se reconhecer enquanto espaço em que todos tenham acesso e permanência assegurada, para isso, precisamos garantir que os estudantes tenham condições de chegar com segurança à escola e para que estes permaneçam é imprescindível que a escola seja um ambiente agradável, confortável e que forneça alimentação de qualidade e que não se limite apenas na transmissão de saberes, mas que articule estes com o saber popular. É essencial que a escola aceite seu aluno como um sujeito único, portador de conhecimentos particulares que o fazem ser como é. Aceitar o próximo e o seu saber pessoal pode ser um complexo trabalho, mas é a forma mais lógica de mediar à construção do conhecimento e o contato com as diversidades culturais.

MÉTODOLOGIA

A investigação proposta parte de uma análise qualitativa com aproximações etnográficas o que nos exigiu inserção na comunidade e convívio com o cotidiano dos colaboradores, conhecendo-os em seus etnoespaços e etnotextos. Sendo em algumas ocasiões levadas por eles para conhecer lugares que consideram importantes. Levando em consideração às referências culturais como lugar de diálogo com a memória, com o imaginário e com a história afrodescendente.

Realizamos conversas coletivas com os alunos em momentos de aula e intervalos; entrevistas com os professores do Colégio Herval Soledade e com moradores da comunidade ligados ao Colégio a exemplo Dona Jailda (nome fictício) antiga moradora do bairro que participou do movimento de mulheres pela construção do Colégio e trabalhou na escola por mais de vinte anos.

A comunidade de Vila Cachoeira se constituiu a partir dos processos de ex/apropriação do lugar no passado e no presente da Região Sul da Bahia. A comunidade antes de ser um bairro era uma fazenda que após sofrer um processo de ocupação se transforma num bairro de Ilhéus. Atualmente toda a BR-415, no eixo Ilhéus/ Itabuna passa por diversas modificações por conta da especulação imobiliária, instalação de fábricas, restaurantes, o conjunto habitacional Morado do Porto (inaugurado em 20 de dezembro de 2012), o Hospital Costa do



Cacau (inaugurado em 15 de dezembro de 2017), O Residencial Cachoeira (inaugurado em 2019), o campus do Instituto Federal da Bahia, o colégio profissionalizante do SESI/SENAI, a Universidade Estadual de Santa Cruz, localizada no bairro do Salobrinho.

A Vila Cachoeira é uma comunidade ribeirinha nas margens do Rio Cachoeira é exprimida pelos latifúndios do tempo glorioso do cacau. De um lado está o Rio Cachoeira e do outro a BR 415 (Rodovia Jorge Amado) como já afirmamos neste perímetro eixo Ilhéus/Itabuna está tomado pela construção de obras públicas e também privadas, postos de combustível, restaurantes, fábricas como a AVATIM, centros religiosos e por conta do grande fluxo de veículos diversas são as barracas que vendem produtos extraídos da própria região.

O Centro da Vila: numa área de 149.488 m², com aproximadamente 200 famílias que ergueram suas moradias, no geral, barracos de madeira e casas de alvenaria sem reboco, as ruas não têm calçamento, são de barro vermelho. Como toda comunidade periférica, os moradores de Cachoeira são responsáveis por fornecer mão de obra barata pouco qualificada para os bairros próximos e também para o centro da cidade.

As terras ocupadas não foram regularizadas pela gestão pública municipal, no entanto a comunidade conta com os serviços de água com as taxas da EMBASA, energia pela COELBA e os serviços de telefonia e televisão a cabo tomam conta das fachadas. A comunidade é desassistida pelo poder público, não tem serviço de saneamento, conta com um posto de saúde e um colégio de ensino fundamental que anexo do Banco da Vitória.

Na área central da comunidade estão um conjunto de serviços públicos que não funcionam, como um posto policial, quando existe alguma ocorrência são deslocados policiais do Banco da Vitória ou do Salobrinho, existe uma placa que sinaliza um ponto de ônibus, mas não existe uma linha do transporte público de Ilhéus que adentre a comunidade, os moradores precisam caminhar até a BR para acessar o transporte tanto.

Numa caminhada rápida pela comunidade é possível observar a quantidade de templos religiosos, temos a igreja católica a mais antiga da comunidade e várias outras denominações disputam os fiéis com os bares e botecos espalhados pela localidade.

A Vila como já afirmamos é banhada pelo Rio Cachoeira o qual passa por um processo de poluição, rio que corta diversas cidades do sul da Bahia com nascente em Firmino Alves, passando por Floresta Azul, Itapé, percorrendo grande parte do perímetro urbano de Itabuna e segue em direção ao mar, grande é a importância deste rio para os moradores de Cachoeira, ele é fonte de alimentação para comunidade através da pesca, é também o lugar das lavadeiras e do lazer para homens, mulheres, jovens e crianças é o lugar de manutenção da cultura local, dos saberes tradicionais.



Na Vila Cachoeira vivem as famílias que permanecem –vítimas das desigualdades histórica, viva na memória contemporânea dos moradores que estão ali vivem a cerca 80 anos e continuam sendo negados no processo de desenvolvimento regional.

O Colégio Herval Soledade funciona no município de Ilhéus bairro do Banco da Vitória e também funciona num anexo num bairro rural Vila Cachoeira. Este anexo na Vila Cachoeira atende 117 crianças entre três e doze anos, funciona nos dois turnos. A escola possui quatro salas, telhado de amianto, as salas são forradas com PVC, amplas, ventiladas e claras, dois banheiros, uma pequena cozinha, um pátio. São oito professores, duas merendeiras, a escola não tem auxiliar de serviços gerais e toda a equipe administrativa e pedagógica fica concentrada na sede no banco da Vitória. A escola tem um problema no que se refere a merenda escolar este ano, a merenda chegou no mês de maio e em quantidade insuficiente, o que veio em maior quantidade foi biscoito o que significa dizer que os estudantes não terão uma refeição na escola.

Foram realizadas conversas e entrevistas coletivas com três dos oito professores da escola durante os intervalos de aula, dias de paralisação e também no horário de almoço. São profissionais formandos e Pedagogia (2) e Matemática (1); duas mulheres e um homem; atuam na escola de 1 a dez anos; uma professora ensina na turma da Educação Infantil e os dois nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas respectivas áreas de humanas e Exatas.

Tivemos contatos com duas turmas de alunos do colégio, com a turma do terceiro ano que funciona no turno vespertino conversamos com eles num momento de aula de Ciências Humanas e continuamos durante o intervalo. Já com a turma do quinto ano no turno matutino conversamos durante uma aula.

João, nome fictício, 11 anos, estudante do sexto ano do ensino fundamental, ex-aluno do Colégio Herval Soledade nos acompanha após solicitação de um dos professores da escola, numa breve caminhada pelas margens do rio que corta a Vila Cachoeira. Ele afirma gostar do rio, além de nadar também pesca, prefere anzol do que a tarrafa, pois segundo ele, a tarrafa por ser pesada ele não consegue jogar, normalmente espera os meninos maiores pra ir pescar.

Num dado momento João questiona quem somos e o que estamos fazendo ali, explico que estamos pesquisando sobre a história da escola, mas que precisamos conhecer um pouco do bairro também, das pessoas. João nos mostra os lugares que ele considera mais bonito, nos leva ao Pé de Tamarindo, que fica às margens do rio que segundo ele as pessoas



gostam de ficar ali, conversando, ressalta que é meio perigoso ali a noite, nos mostra os lugares preferidos pelos moradores pra tomar banho e nos leva até sequeiro, ressalta que embora olhando de longe a gente pense que as pedras estão soltas, elas são próximas e basta saltar uma a uma e conseguiremos atravessar, andamos com ele até a metade do leito do rio.

RESULTADOS PROPOSTOS/ALCANÇADOS

Durante a conversa com os alunos foi possível perceber o quanto que a escola é importante para eles, não apenas como espaço de conhecimento, mas como oportunidade de socialização e até mesmo de lazer. Muitos deles relataram ter acesso a determinados brinquedos apenas na escola. Por ser uma comunidade pequena, a maioria deles moram próximos e/ou tem relação de parentesco.

Fora do ambiente escolar, às meninas estão mais envolvidas em atividades domésticas, ajudando as mães nos afazeres da casa chegando a afirmar “em casa eu faço as minhas coisas”, “ajudo minha mãe”, “lavo meus pratos”, ou seja, as atividades já são incorporadas como algo que faz parte de sua construção enquanto sujeitos.

Enquanto que os meninos estão envolvidos em atividades fora de casa, já voltados para uma profissionalização, muitos já trabalham com cavalos, gado, pesca artesanal, voltada para consumo e também comercialização do fruto de seu trabalho atividades que aprenderam com seus pais e/ou irmãos mais velhos.

O Rio Cachoeira aparece sempre em suas falas o rio como fonte de alimento, lugar de passagem, já que alguns deles precisam atravessá-lo para vir à escola, lugar de lazer, pois muitos se banham nessas águas, apesar de considerá-lo “sujo”, “quando a gente chega em casa toma banho como a gente faz quando vai para a praia” e também realizam nele a manutenção e cuidado com as coisas da casa no caso das meninas que lavam pratos, roupas, etc.

Ficou evidenciado o abandono do poder público no que tange a educação daquelas crianças, a gestão da escola não acompanha o cotidiano da unidade escolar, não são realizadas reuniões periódicas com as famílias dos alunos nem com toda equipe da escola, os professores vão para a sede uma vez na semana para planejamento, o qual é realizado com a facilitadora da área.

Os professores acabam tendo que realizar a limpeza das salas, já que não possuem auxiliar de serviços gerais e também compram com seu dinheiro alguns materiais para garantir que os alunos desenvolvam algumas atividades. Os professores também relatam que a

falta de acompanhamento das famílias e as dificuldades de aprendizagem dos alunos e a necessidade de projetos com os estudantes que tem mais dificuldades.

A nossa primeira visita à escola se deu no mês de abril e ainda não havia chegado merenda escolar, segundo relato de professores os alunos chegam à porta e perguntavam se tinha merenda, quando a resposta era negativa, eles iam embora. A ausência da merenda escolar fragiliza ainda mais essa escola, violenta essa comunidade, compromete o ensino e aprendizagem, como fica evidenciado na fala de uma das professoras, “O aprendizado aqui não é a mesma coisa. Os meninos preferem pegar um cavalo e sair do que vir pra escola. Eles dizem professora eu não vou ficar aqui hoje, eu vou pescar, eles veem a possibilidade de ganhar um dinheiro, pescar pra vender”. Isso faz com que este aluno perceba e internalize que a escola não será capaz de garantir o que ele precisa o que fragiliza e empurra esta criança para a vulnerabilidade.

Quando questionados sobre o aprendizado dos alunos, os professores afirmam que diante de tantas dificuldades muitos chegam ao quinto ano sem saber ler/ escrever, apontam a aprovação automática e o fato dos alunos saber que não serão reprovados e para minimizar tal situação é necessário segundo eles, a realização de atividades específicas com os alunos com dificuldade, de preferência no contra turno, mas apontam dificuldades como falta de espaço físico e material didático. Embora, os professores sejam comprometidos e façam além de sua obrigação é perceptível que não caminharão muito longe na solução para os problemas apontados se não houver ações conjuntas e se a gestão escolar não procurar se inteirar dos problemas.

Chegamos à dona Jailda através da indicação de professores e funcionários da escola, moradora da comunidade a mais de 45 anos, junto com mais vinte mulheres liderou o movimento que garantiu a implantação da educação infantil e a construção da escola a qual funcionava no salão paroquial da Igreja Católica, seus filhos foram alunos da escola Erval Soledade e ela merendeira por mais de vinte anos. Dona Jailda reafirma a importância da escola, entretanto se diz preocupada com o andamento do ensino, segundo ela a direção demora de vir à escola e isso ela considera prejudicial, pois a configuração organizativa da educação no município de Ilhéus faz com que a direção não tenha condições de comparecer aos anexos.

Embora a sede da escola sempre tenha sido no Banco da Vitória o anexo podia contar com uma assistente de direção que vinha todos os dias, como a assistente de direção estava na escola todos os dias isso garantia que os alunos tivessem todas as aulas.

O horário era integral, não tinha esse negócio do professor liberar quatro horas/ quatro e meia pra poder limpar e varrer a sala, não tinha isso, dava o horário os professores iam embora e daí em diante eu assumia, eu tinha umas mães que me ajudavam, por exemplo, um dia de planejamento, dia de planejamento eles tinham que ir pra sede, aí não tinha aula, mas eu não me encostava, convidava as mães, fazia um faxinão, juntava as mães, a gente ia cedo e lavava de mangueira, então a gente tinha assistência. SANTOS, Jailda. Entrevista concedida a Delliana Ricelli Ribeiro da Silva. Ilhéus, 18 jun. 2019

Esse distanciamento da direção e equipe pedagógica do cotidiano escolar dificulta o trabalho dos professores, agudiza a vulnerabilidade dos estudantes, pois a merenda também não é garantida e dificulta a interação entre escola e comunidade já que toda demanda administrativa da escola é resolvida na sede localizada no Banco da Vitória o que acarreta num custo para as famílias e numa demanda maior de tempo.

O fato dos funcionários não morarem na comunidade também é apontado por Dona Jailda como um aspecto negativo, pois eles não têm condições de acompanhar e nem conhecer a realidade dos estudantes, assim ela nos diz:

Por exemplo, o aluno tinha três dias que não aparecia na escola, elas iam atrás, ia na casa já sabia que o menino tinha ficado doente, ou já sabia que tinha acontecido uma outra coisa. Ou fulano não foi porque acabou o caderno, ou não tem um chinelo, aí mandava ele ir pra escola até sem caderno mesmo, lá na escola tem papel ofício, então quando a gente convive a gente sabe da condição e da vida de cada um, aqui todo sabe da vida de todo mundo. (*Ibdem*)

CONSIDERAÇÕES

Após diversas idas à comunidade, visitas à escola, conversas com professores, alunos e com pessoas da comunidade percebemos que os alunos possuem muitos conhecimentos adquiridos por meio do ouvir contar e do ver fazer, conhecimentos passados de um para o outro, sendo marcante para nós o quanto que o vocabulário destas crianças carrega uma carga do processo de adultização e isso aparece na fala das meninas “fazer as minhas coisas” quando se referem as atividades domésticas e de alguns meninos quando explicam o processo de pesca artesanal que já conseguem manejar sozinhos, a comunidade tem seus encantos, cercada por muitas árvores, paisagens bonitas, as suas vivências são marcadas por uma vida dura cercada de pobreza e por mais que vivam numa comunidade rural, são afetados por uma vulnerabilidade presente na maioria das periferias brasileiras.

E nesta perspectiva a escola é um lugar de manifestação das expressões da cultura popular do local, importante para eles, mas que infelizmente não consegue cumprir a sua função por conta de todos os problemas de gestão já apontados ao longo do texto. Por mais



empenhada que esteja os funcionários da escola, realizando ações além de sua obrigação dificilmente eles conseguirão dar conta da gama de necessidade destas crianças e do abandono do poder público com essa comunidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm
Acesso em: 05 jul. 2019

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Entrevista. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino americana e libertação**. (1965 – 1991) Tradução Sandra Tabuco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

LARCHET, M. Jeanes. In: MORORÓ, P. Leila. **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em Educação**. Concepções e Trajetórias, Ilhéus, p. 126, 2017.